

FINADOS

Com queda nos indicadores da COVID-19, Prefeitura de BH libera visitas a cemitérios sem necessidade de agendamento ou limite de público. Alguns terão celebrações religiosas

Flexibilização e homenagens



LEANDRO COURI/EM/D.A. PRESS - 2/11/21

ANA LAURA QUEIROZ*

As visitas aos cemitérios públicos e privados voltaram a ser permitidas livremente em Belo Horizonte e região metropolitana no Dia de Finados. Hoje, familiares e amigos poderão homenagear seus entes queridos na cidade e em municípios vizinhos. Segundo a prefeitura da capital mineira, será liberada a visita aos cemitérios municipais no período das 7h às 17h30, sem a necessidade de agendamento prévio. Nesses, porém, as celebrações, cultos e missas tradicionais da data seguem suspensas.

Os protocolos de segurança contra a COVID-19 permanecem valendo. O uso de máscara, distanciamento e álcool em gel na entrada são obrigatórios.

BONFIM, CONSOLAÇÃO, SAUDADE E PAZ

Os cemitérios do Bonfim, Consolação, Saudade e Paz, ger-

Nas lembranças aos entes queridos, uso de máscara e distanciamento seguem exigidos pelos órgãos de saúde

dos pela PBH, vão funcionar das 7h às 17h30, sem necessidade de agendamento prévio ou limite de pessoas. A orientação é que os visitantes atentem à norma que não permite a venda de flores no local e se programem para comprá-las previamente.

PARQUE RENASCER

No cemitério Parque Renascer, as visitas ocorrem a partir das 7h, com limite previsto para as 18h. A programação (a depender do clima) inclui a tradicional chuva de pétalas, em que um helicóptero percorrerá a área às 11h, com pétalas de rosas sendo lançadas. A presença do público está liberada.

Além disso, uma missa será realizada às 8h e transmitida exclusivamente pelo canal Cemitério sem Mistério, no YouTube. A expectativa é de que até 15 mil pessoas visitem o local neste Dia de Finados.

BOSQUE DA ESPERANÇA

No cemitério Bosque da Esperança, as celebrações religiosas ocorrem presencialmente. A primeira missa será às 8h, seguida

de tradicional chuva de pétalas, se houver teto. As 11h e às 16h, outras missas serão celebradas. Na programação há também culto ecumênico marcado para as 14h. As portas ficam abertas para o público das 7h às 17h.

PARQUE DA COLINA

No Parque da Colina, o funcionamento será das 7h às 17h. Quatro missas serão celebradas de forma presencial. Na parte da manhã, as celebrações vão ocorrer às 9h e às 11h. À tarde, as missas serão às 15h e às 17h.

CONTAGEM

Em Contagem, Região Metropolitana de Belo Horizonte, a prefeitura anunciou que permitirá a visitação aos cemitérios públicos e privados. Neste Dia de Finados, os cemitérios de São Pedro, Nossa Senhora da Glória e Bom Jesus ficarão abertos das 8h às 17h.

No entanto, as celebrações religiosas, comuns à data, não devem ocorrer. Segundo a prefeitura, a decisão é uma forma de evitar aglomerações. É obrigatório, ainda, o cumprimento de todas as exigências sanitárias, co-

mo a medição da temperatura, distanciamento entre as pessoas e uso de máscaras.

BETIM

Em Betim, a visitação aos cemitérios será controlada e regras de funcionamento preveem limite máximo de pessoas. O horário de visitação será das 8h às 16h.

No cemitério Parque da Cachoeria, o número máximo será de 4 mil visitantes. No Parque Retiro da Saudade e Nossa Senhora do Carmo, serão permitidas 800. Já no Reino das Rosas, 1.400.

O tempo de permanência será limitado a 20 minutos. A entrada será controlada por meio de fichas numeradas e o estacionamento nos cemitérios públicos ficará fechado. Nos particulares, apenas 50% das vagas para veículos poderão ser ocupadas. A aferição da temperatura, uso de máscaras e álcool em gel também serão obrigatórios.

Quanto às celebrações e cultos religiosos, a prefeitura anunciou que não serão permitidos nesta data. O objetivo é evitar aglomerações.

*Estagiário sob supervisão do subeditor Eduardo Murto

LINHAS INDÍGENAS

Nas ruas, arte sem fronteiras

DEBORAH LIMA E VINÍCIUS PRATES*

O chão do entorno do chamado Marco zero de Belo Horizonte, a Praça Raul Soares, ganhou cores e desenhos que refletem a arte indígena. Trata-se do Festival Cura - Circuito Urbano de Arte, neste ano em sua 6ª edição.

Nesse fim de semana, quem passou próximo ao local pôde acompanhar uma das programações do festival, o trabalho dos artistas Shipibo Sadith Silvano e Ronin Koshi, da Amazônia peruana, que desenvolviam uma pintura nas faixas centrais.

A ação começou no sábado, mas foi somente ontem que realmente ganhou forma e causou impacto. E essa ação só deve terminar hoje, data em que o Festival CURA também finaliza as atividades pela capital. O processo de pintura-ritual foi programado para ser realizado de forma ininterrupta por 72 horas. Quando for concluída, a pintura deve ter 2.870 metros quadrados (m²): a maior já feita fora do Peru.

A ideia do festival foi trazer para Minas Gerais a marca forte da identidade dos kenés (declarações do patrimônio cultural do Peru), o bordado mítico de padrões geométricos e labirínticos, inspirado pela cultura ayahuasqueira.

A dupla de artistas responsáveis pela intervenção na praça saiu da Amazônia peruana - par-

te da Amazônia que se circunscreve dentro do território do Peru - e enfrentou as diferenças da língua, comida e costumes para representar sua cultura e seu povo em Minas Gerais.

"Pra gente, entregar essa obra, essa memória dos nossos avós, é muito importante", comentou Ronin Koshi, orgulhoso com a oportunidade de realizar o desenho. "Muito gratificante para nosso povo e nosso país porque uma cultura indígena está fazendo a maior obra do mundo e não em nosso país de origem, mas num país que nos acolheu e nos chamou de irmãos", afirmou.

Sadith Silvano também se diz motivada e agradecida com a possibilidade de disseminar sua cultura fora de seu território. "Nossa alma tem todo amor do mundo para compartilhar. Essa é uma arte de terapia, de cura, de resistência cultural", disse.

Esta é a primeira vez que a dupla sai de seu país, e o acolhimento do público belo-horizontino deixou uma boa impressão. "BH que abriu as portas é muito acolhedora, muito organizada. Muito feliz de ver meu povo numa cidade tão grande e moderna", afirmou Sadith.

Enquanto pintava o chão da praça, a artista recebeu o entusiasmo dos espectadores. "Quando estamos na rua pintando, as pessoas passam e elogiam. Isso



Pintura de Sadith Silvano, da Amazônia peruana, dá novo desenho ao entorno da Praça Raul Soares, como parte das atividades do Cura

me fortalece enquanto pessoa, me faz sentir mais feliz, me tira um sorriso", agradece. "Espero que não seja a última vez aqui". Ronin reiterou: "Eu estou vendo um edifício em branco e fiquei pensando como seria legal se a gente pintasse. Como a gente deixou a marca no chão, queremos deixar essa arte nos edifícios também".

A intervenção artística teve lugar certo para se instalar. A Praça Raul Soares, um dos principais símbolos da cidade, guarda a cultura dos povos origina-

rios do Rio Amazonas. O cartão-postal, inaugurado em 3 de setembro de 1936, é o único do gênero na capital cujo piso leva pedra portuguesa com mosaicos marajoara.

O CURA é um festival com multicaudadas de atravessamentos e diálogos diversos, e a chegada na Praça Raul Soares nos fez ver a magia da cultura marajoara tatuada no centro da nossa cidade. Praça que também nos levou a uma mulher incrível que é a Tainá Marajoara, cozinheira, artista, realizadora cultural e pen-



FOTOS: JAIR AMARAL/EM/D.A. PRESS

sadora indígena", explica Flávia Lasan, curadora convidada desta 6ª edição.

CONVERSA GUIADA Hoje, a partir das 16h, Tainá vai guiar uma vivência na Praça Raul Soares com mais três mulheres que trabalham com comida, cura e arte: Mayo Pataxó, Silvia Herval e Patrícia Brito. O encontro tem relação com o Dia de Finados, pois, segundo o festival, "traça vida à

morte é um ato de resistência. Juntas, elas vão compartilhar saberes e também homenagear todos que se foram".

"É um encontro que, ao mesmo tempo, é fruto de um processo artístico e de intenções, encantarias e espiritualidade. A gente tá falando entre corações, um diálogo de arte de afetos que vai ser oferecido em transcendência no centro geométrico de Belo Horizonte", explica Tainá.



GLADYSON RODRIGUES/EM/D.A. PRESS

Trabalho em 3D de Ed-Mun no Edifício Paula Ferreira: empresa com apelo ilusório

No chão e no ar, traços ousados

O Festival Cura iniciou-se em 21 de outubro e contou com cinco programações, previstas para serem finalizadas hoje. Além do chão pintado e da "vivência", as apresentações contam com pinturas de empresa e intervenções artísticas, como a pintura-ritual, e também projeções, como a realizada no Edifício JK.

Uma das primeiras intervenções artísticas iniciadas pelo movimento foi dada pelo artista Ed-Mun, no Edifício Paula Ferreira, na Praça Raul Soares, 265. Anfitrião do CURA21, ele é conhecido no mundo do graffiti pela caligrafia 3D.

O artista disse que sua pintura irá causar a impressão de que ela vem de dentro do prédio, e busca homenagear a escrita: "Uma comunicação por símbolos e grafismos, inspirada na arte marajoara, na pintura rupestre, com um estilo urbano con-

temporâneo que é o graffiti 3D e com um pouco de anamórfico", afirmou.

A segunda empresa artística também teve início no primeiro dia do festival. No Edifício Levy, localizado na Avenida Amazonas, 718, a artista Kássia Rare Karaja Hunikuin, com o Coletivo M.H.Ku (Movimento dos Artistas Huni Kuin), propõe uma pintura-ritual inspirada na cultura indígena. Segundo os artistas, eles buscam expressar com a arte a força do povo guardião da floresta, a luta pe-

lo direito ao território.

O Edifício JK, na Rua dos Guajajaras, 1.268, presenciou, na noite de 23 de outubro, uma projeção realizada pelo Coletivo VIVA JK, que homenageou a população LGBTQIA+. Segundo o movimento artístico, "as pessoas fotografadas representam a ancestral luta por reconhecimento da própria identidade, sendo entidades da comunidade queer belo-horizontina".

*Estagiário sob supervisão do subeditor Eduardo Murto